

Eu sou holandês! Me respeito!



Renata Ramos

Conteúdo

Colaboradores-	3
Dedicatória-	4
Introdução-	5
Holanda e suas paisagens-	13
Ser melhor em que?-	18
Fechados para comida-	25
Fechados para estrangeiros-	39
Fechados para novas ideias, cores, costumes-	56
Fechados para Deus-	62
Situações desagradáveis na Holanda-	75
“Somos honestos, falamos o que pensamos”-	90
O intuito de escrever tudo isso-	99
Pequenas resenhas-	105
Sobre a autora-	106
Mensagem de luz-	107

Colaboradores / Agradecimentos

William de Sousa Ramos – Edição e análise de texto

Revisão do texto / análise de contexto.

“Pai, Obrigada pela leitura e por me ajudar a ver pontos imprescindíveis para a conclusão do livro e, claro, sua visão justa e clara das coisas que herdei com muito orgulho.

Roque Aloisio Weschenfelder - Edição

Revisão ortográfica / diagramação

“Professor Roque, Obrigada por trabalhar comigo, já estamos juntos há três livros, que venham mais e mais!”

“Para todos os holandeses que
desejam se libertar”



Introdução:

É claro que, depois de escrever;

“Eu sou brasileiro, me respeite” e enfatizar muitas qualidades dos holandeses, qualidades essenciais que nos faltam no Brasil, eu não poderia deixar, de forma alguma, de escrever sobre o comportamento dos holandeses e de como um estrangeiro se sente em relação a esse comportamento.

Parece até que possuo o poder em minhas mãos de sair falando dos países e de sua cultura com propriedade, como se o que eu falasse fosse decreto, como se o que eu pensasse fosse inegável. Realmente não tenho esse poder! E nem o quero!

As pessoas devem, naturalmente, verificar suas falhas e evitá-las por si próprias; o que eu faço é abrir-lhes os olhos, confrontá-las com minha visão, ajudar de alguma maneira a, pelo menos, conseguirem ver.

Eu creio muito que ficar focado em qualidades não conserta o erro, o que está ótimo está ótimo, mas o erro, a falha, ao contrário disso, se não observado, pode perdurar por uma vida inteira e ou se percebido muito tarde, pode não haver evolução do ser.

Então, enquanto houver problemas de todas as espécies e enquanto forem precisos ajustes, sempre existirá algo para melhorar, e esse é meu intuito.

Normalmente, as pessoas todas querem se enganar, querem focar no que é bom e, dessa forma, não enfrentar o erro, o problema, deixando que tudo fique como sempre.

A zona de conforto é realmente maravilhosa. Ninguém muda, ninguém faz nada, ninguém fala e continua-se, como sempre, atrasando a própria evolução e a dos demais.

Aliás, falando em atrasos, olha só que contradição: um país desenvolvido, moderno, organizado e sério, sendo alvo de conotações de uma brasileira!

Assim como os brasileiros que leram meu livro e se indignaram (em parte) e em parte concordaram, não espero que igualmente alguns holandeses ou amantes da Holanda não façam o mesmo.

A verdade normalmente dói! Aliás, quando não dói, rimos e aceitamos o conceito do outro. Experimente chamar alguém de cabelos louros e dizer-lhe que ele é moreno de cabelos castanhos:

– **Você é moreno! Seus cabelos são castanhos e seus olhos também!** – O que vai acontecer é uma risada escandalosa.

Certamente, a pessoa vai rir de você e da sua loucura. Primeiro ela vai procurar um espelho e checar se alguma força que ela desconhece mudou os cabelos e os olhos dela, depois de certifica-se irá lhe chamar de louca, pessoa louca, precisa ir ao hospício, pois está vendo coisas que não são, ou não estão.

Simples assim.

Meu livro é como se fosse um espelho refletido do comportamento holandês, e minha intenção é que ele se olhe, nitidamente, com os olhos de um estrangeiro.

Sendo assim, de nada adianta, deixar-se levar pelos sentimentos negativos ou negar o que está escrito, pois o que está escrito é como um estrangeiro enxerga um holandês.

Todos nós sem exceção temos o direito de exprimir nossos sentimentos, inclusive os sentimentos de raiva. Mas, antes de reagir dessa forma, pergunte-se se a sua raiva não é por causa do confronto e pergunte-se também se é justo ou não que um estrangeiro, que mora no seu país, pode ou não falar o que lhe agrada e desagrada! Porque se não puder falar, fica-se parecendo

uma **ditadura** em que não existe o direito de se expressar.

Por exemplo, na época da guerra em que os antepassados não podiam dizer aos soldados e generais que não aceitavam ou não gostavam daquele tratamento arrogante e prepotente; como pena por se expressarem, seriam imediatamente levados a campos de concentração ou mortos à queima roupa.

Normalmente, o confronto dói, porque ele choca com a verdade interna e é nesse ponto que quero tocar.

Ali onde todos se escondem e não querem ver a sujeira debaixo do tapete e a falha nem por um decreto!

O livro trata de como a sociedade holandesa funciona aos olhos de um estrangeiro. Eu moro aqui e é assim que os vejo.

Este livro não vai lhe dar nenhuma informação de lugares maravilhosos, dicas ou conteúdo para aquele que deseja morar aqui ou precisa para formar sua decisão. O que é maravilhoso está disponível em milhares de plataformas.

Aqui você não vai ler o que há de bom na Holanda, tem muita informação na internet para isso. Aqui eu vou

falar o que, a meu ver, não se parece com certo. Como dizia uma amiga... **“Certo se parece com certo”**.

É óbvio que pode haver uma influência no cidadão que gostaria de vir morar aqui, e isso é positivo, afinal é preciso pesar tudo antes de tomar uma decisão séria de mudar de país e cultura.

Muitos não concordarão comigo, mas muitos outros sim, especialmente muitos estrangeiros e brasileiros que moram na Holanda e, assim como eu, sentem essas diferenças com os holandeses.

Aliás, talvez, muito de como eu penso vem da minha cultura, do meu país e isso pode ser tranquilamente visto em algumas partes deste livro, como, por exemplo, a crença em Deus.

A maior parte da minha personalidade advém das minhas experiências, inclusive dos meus últimos 10 anos na Holanda, ou seja, quem eu sou e como eu penso tem muito mais a ver com o que vivi e aprendi do que com o lugar onde nasci, até porque muitas das crenças que eu tinha quando morava no Brasil foram quebradas lá mesmo e inclusive me fizeram querer morar em outro lugar que se parecesse mais comigo.

“Eu sou holandês, me respeite” assim como **“Eu sou brasileiro, me respeite”** são livros com títulos que nada

se parecem com os livros que estamos acostumados a ler, parece que não combina ou choca!

São livros que correspondem aos títulos, e, ao final da leitura, o leitor consegue fazer a ligação que existe entre o título e o conteúdo.

Não haveria qualquer outro título que pudesse exprimir exatamente o conteúdo e, diga-se de passagem, os dois livros se encontram...

“o que falta em um tem no outro...”

Os dois livros possuem duras conotações, porém construtivas. O pior crítico é aquele que não enxerga seus próprios defeitos ou aquele que joga o que pensa ao vento sem compromisso, que pode até ser verdade, mas sem uma solução benéfica ou construtiva,

Eu procuro falar de uma forma que constrói.

Felizmente, procurei, nos dois livros, apontar soluções melhores para os pontos indicados e, com muita propriedade, enxerguei os meus defeitos como brasileira, e os defeitos dos brasileiros e os expus no livro:

“Eu sou brasileiro, me respeite”

Quem é essa brasileira que acha que pode falar dos outros assim?

Sou Renata Ramos, muito prazer, denomino-me escritora, escrevi dois livros, e esse é o meu terceiro, sou cidadã do mundo e com direito à liberdade de expressar o que penso e vejo.

Assim como você!

Externar o que penso escrevendo é a minha forma de contribuir com meu lugar no mundo. O talento para a escrita foi me concedido a fim de fazer este trabalho casado com minha visão que pode ajudar as pessoas.

Ajudar os outros, a meu ver, é a única razão realmente consistente/válida de ter nascido neste planeta cheio de problemas.